

Todos conhecemos a Radmila Zygouris, psicanalista arguta e corajosa, que foi membro da Escola Freudiana de Paris até sua dissolução, por Lacan, em 1978. Sabemos que durante esse período foi co-fundadora de uma das mais interessantes revistas de psicanálise – *L'ordinaire du Psychanalyste*, publicada em Paris entre 1973 e 1978 e que, atualmente, participa do grupo *Ateliers de Psychanalyse*, do qual é membro-fundador.

Todos reconhecemos em Radmila Zygouris, desde seus livros *Ah! As Belas Lições!* e a coletânea *Pulsões de Vida*, o papel decisivo que desempenha na recepção e releitura crítica dos textos fundadores de Lacan. Muitos de nós encontramos Radmila quando ela vem ao Brasil. Aqui, ela trabalha duro nos seminários clínicos repletos de intervenções entusiasmadas, em que se entrega, dá tudo o que sabe, devora nossas histórias. Ela nos escuta, vagamente sonhadora, para depois acolher nossas dúvidas com seu senso de humor e sua sabedoria em permanente construção,

dosados por ponderações amáveis e animadoras. Assim, Radmila nos mostra que a experiência analítica pode ser uma aventura vigorosa e que o pensamento é, antes de tudo, uma experiência sensível que precede a linguagem. E o aspecto mais notável de Radmila Zygouris, na minha modesta avaliação, é, justamente, a sagacidade com a qual ela conduz seus questionamentos, dificuldades e descobertas sobre a relação analítica. Desde sempre ela nos avisa ser psicanalista que se deixa afetar e não embarca numa escuta neutra. O interessante – porque se trata de sentir tédio, raiva, impaciência e às vezes fúria – é que Radmila rompe o silêncio para sondar, perplexa, entre os ecos de sua indignação, o perigo de transpor “a palavra viva, como se tra-

## Território do pensamento-raio<sup>1</sup>

Resenha de Radmila Zygouris, **O vínculo inédito**, tradução de Caterina Koltai, São Paulo, Escuta, 2002 (Coleção Ensaaios).

tasse de um texto, de um corpo morto (...) deslocamento nefasto, uma das páginas negras da psicanálise francesa”<sup>2</sup>.

*O Vínculo Inédito* é um ensaio curto e certo para lembrar que “a forma tradicionalmente lacaniana de raciocinar em termos de lugar não concede nenhum lugar aos efeitos da presença, ao humor, ou, de modo geral, a tudo aquilo que diz respeito ao sensível”<sup>3</sup>. O resultado é prodigioso, mas requer do leitor atenção exigente

para as ressonâncias, a escolha das palavras e as súbitas inflexões do texto, que mudam sem aviso, em intervalos curtos e irregulares, quase como uma montanha-russa, com seus giros súbitos de perspectiva, suas variações repentinas de autores. Radmila Zygouris é atualíssima; redescobre pensadores arrojados como Gregory Bateson (1904-1980), antropólogo voltado para a cibernética, comunicação animal, etnografia e psicologia, que inspira Radmila a perscrutar o conceito de “metáfora significativa” para entender, melhor ainda, o impacto do simbólico. Bateson, por sua vez, remete Radmila à noção de mapa e território, segundo a “Semântica Geral”, proposta por Alfred Korzybski (1879/1950), cujas premissas podem ser dadas pela analogia simples da relação de um mapa com o território. Para esse autor, sobre quem Radmila se debruça para pensar a relação analista e analisando, um mapa não é o território, um mapa não representa tudo de um território, e, sobretudo, um mapa é auto-reflexivo no sentido de que um ‘mapa’

ideal incluiria um mapa do mapa, e assim por diante, indefinidamente.

Se bem entendo, Radmila prefere pensar nessa semântica que, aplicada à “sua” psicanálise, franqueia novas experimentações com a transferência, um acontecimento tão extraordinário que dele nenhum mapa é capaz de abarcar as variações, seus espaços claros e escuros, suas altitudes, seus picos e suas depressões. Assim, nesse território do improvisado que é uma análise, Radmila Zygouris ensaia uma teoria do contato, para ressaltar o que se sente. E para ela é “essencialmente não verbal, expressa o fundo do humor, participa daquilo que, em alemão, chamamos *Stimmung*, o ambiente. (*Stimme* = voz, a voz que habita o silêncio). Este não verbal do vínculo não é um pré-verbal, pode sê-lo, mas está presente o tempo todo estejamos falando ou calados”<sup>4</sup>.

Tudo o que vem de Radmila é surpreendente! Pondo-se explicitamente na contramão do formalismo lacaniano, ela nos explica que a cena da transferência – em que se desenrola e, também, se confunde a análise – está além da descrição verbal. Vem disso a mescla peculiar dessa psicanalista inovadora, cujas reflexões sobre sua prática, todo o tempo, simplificam, condensam, ou simbolizam um determinado acontecimento analítico, de tal maneira que se pode então falar melhor a respeito dele ou pensar melhor sobre ele. Radmila, com simplicidade generosa, faz suas reflexões sobre o acontecimento em plena cena transferencial, serem também nossas: são mapas que podem ser feitos para o mesmo território, e assim ela torna tudo muito mais

possível, e busca conciliar diferenças.

É com rara elegância de estilo que Radmila, em *O vínculo inédito*, entreabre uma fresta de porta através da qual vemos Winnicott, Félenczi, Balint escaparem – como personagens inovadores – da ascendência de Freud e Lacan, para ousar, em pé de igualdade com eles, em território próprio, fora dos mapas imprecisos dos discursos psicanalíticos formalistas e oficiais.

De saída, o título provocativo mira alguns analistas “que temem o vínculo e, ao desconhecê-lo ou ao insistir em excluí-lo em nome da pureza ana-

lítica, obrigam seus pacientes a ficar em análise interminavelmente, tendo por único objetivo não perder o vínculo com a pessoa do analista.”<sup>5</sup>

No entanto, Radmila Zygouris é capaz de mostrar que a maioria das discordâncias, argumentos, brigas, e guerras brotam do fracasso em se reconhecer todos os fatores, todas as visões, e de se confiar em mapas de realidade que não correspondem ao que de fato ela é. E que, se os psicanalistas discutem baseando-se nos próprios mapas é porque não percebem que outros usam mapas diferentes.

Vale uma visita, sem mapas nem bússola, ao território fértil que Radmila Zygouris desbrava, sob um céu riscado pelo fulgor do “pensamento-raio”.

## NOTAS

1. Pensamento-raio é a tradução livre de Radmila Zygouris para o *Einfall*, do qual Freud falava ser o pensamento que vem inopinadamente, e que foi traduzido pela Standard Edition por *insight*.
2. Zygouris, Radmila, *O vínculo inédito*; tradução de Caterina Koltai, São Paulo, Escuta, 2002, p. 51.
3. Idem, *Ibid.*, p. 37.
4. *Op. cit.*, 34.
5. Idem, *Ibid.*, p. 18.

**Beatriz Mecozzi** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre em psicologia clínica pela PUC/SP, autora de *O perigo de curar-se*, São Paulo, Via Lettera, 2003.